

Livros

Os Balcãs, antes de depois das nações

Bruno Cardoso Reis

Mark Mazower apresenta-nos em *The Balkans* um intróito da história da região. Várias vezes premiado, o livro é a melhor introdução, breve mas nada simplista, aos problemas da região. O seu tema principal é a emergência do nacionalismo e o alto preço pago por isso pelos povos da região.

Mazower tem como objectivo principal contrariar dois discursos sobre a região que considera igualmente simplistas. Por um lado, o dos que, sobretudo do interior da região, fazem da formação dos Estados actuais uma gesta heróica de libertação e, por outro, o dos que, sobretudo de fora, apresentam os Balcãs como uma região onde o nacionalismo violento é endémico, fundamentalmente distinta do resto da Europa «civilizada».

Em *The Balkans* fica claro que ambas as correntes distorcem o passado da região (e do resto da Europa). Mazower começa por desmontar a ideia do nacionalismo como algo natural entre as populações da região, dando voz à perplexidade das camadas mais humildes e isoladas dos habitantes da região quando confrontada com os propagandistas do nacionalismo moderno. Fica claro que – não só no início do século XIX mas mesmo no início do século XX muitos deles não tinham uma ideia clara de qual a comunidade nacional a que pertenciam, não viam nisso um problema, e estavam longe de se preocupar com a formação de um Estado nacional. Um viajante inglês pela região da Macedónia, no início do século XX, acompanhado de um nacionalista búlgaro que se irritava com a ignorância dos camponeses, comenta que mesmo onde as populações falavam em casa búlgaro, compreendiam ou falavam também o grego, e não viam nenhuma necessidade de optar entre uma e outra identidade.

Mostra também como o Império Otomano oferecia importantes oportunidades aos seus súbditos cristãos, e nele continuaram a viver comunidades cristãs muito mais prósperas do que nos novos Estados nacionais. De facto, a emergência e a divulgação pela região do ou seja, da ideia de que cada nação deve governar-se a si mesma, nacionalismo e de que, conseqüentemente, apenas um governo nacional e fronteiras nacionais é algo muito recente. Aliás, é recente mesmo na Europa – são legítimos ocidental, pois resultou

essencialmente da conjugação das ideias das Luzes com o Romantismo, no contexto da Revolução Francesa. O Iluminismo, que inicialmente não contestava a autoridade instituída, antes procurava utilizá-la ao serviço dos seus ideais de desenvolvimento racional, acabou por levar à formulação, na obra de Rousseau, da ideia de que a legitimidade política assentava, não na vontade de Deus, mas na vontade da maioria de a monarquia por direito divino uma comunidade nacional que se constituía como entidade autogovernada mediante o chamado contrato social. O Romantismo deu a essa comunidade o sentido de um as nações, comunidades étnico-linguísticas—essencialismo cultural-nacional existentes desde uma antiguidade mal definida, seriam as únicas capazes de preencherem as condições de autogoverno legítimo.

Assim surgiu a primeira grande força revolucionária do século XIX europeu, o liberalismo nacionalista, que finalmente acabaria por ser bem sucedido na completa destruição dos termos da paz de Viena de 1815, culminando na histeria belicista da I Guerra Mundial, despida já de qualquer roupagem liberal. Pelo caminho havia já provocado várias outras guerras, não só nos Balcãs, mas também na Europa ocidental. A sua implantação só foi menos problemática no Ocidente, no século XIX, porque aí o processo, muitas vezes violento, de formação de Estados culturalmente mais homogêneos já se vinha verificando há séculos.

Como previa, em 1853, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Império dos Habsburgo, citado por Mazower, na defesa do seu Estado, mas nem por isso com menos verdade: "pretender estabelecer novos Estados com fronteiras com base na nacionalidade é o mais perigoso de todos os esquemas utópicos. Seria romper com a história, e procurar ameaçaria o Continente com a subversão e o caos." Isto foi... aplicá-lo especialmente verdade nos Balcãs, porque na região continuavam a prevalecer, no século XIX, grandes impérios com múltiplos grupos étnicos e religiosos no seu seio.

A grande questão seria, portanto, a de saber por que é que o problema se colocou e se seria possível evitá-lo. Seria a marcha do nacionalismo imparável, continua a sê-lo hoje? Estas questões essenciais não são directamente abordadas. Mas é claro que, ao nível dos Balcãs, tudo começou com o declínio, a partir de final do século XVII, do poderio do Império Otomano. Ele controlava então boa parte da região e ameaçava mesmo Viena, o que aconteceu, pela última vez, em 1683. Este declínio levou cada vez mais elementos das elites cristãs, até então reconciliados com a sua sorte, com as suas desvantagens, mas

também vantagens, a questionar a necessidade de continuarem ao serviço do Sultão, mas não necessariamente, ainda, a abraçarem o nacionalismo. Se na segunda metade do século XVIII, os dois grandes poderes cristãos da região tinham claramente o Império passado à ofensiva, eles eram também Estados dinásticos multiétnicos Russo e o Império dos Habsburgo. José II de Habsburgo e Catarina II da Rússia acordaram mesmo uma divisão das zonas de conquista respectivas nos Balcãs, sem que o esquema fosse visto como utópico.

A Revolução Francesa (1789), no entanto, veio alterar fundamental e definitivamente os termos do problema. Desde logo, veio marcar o início do fim do poder quase exclusivo destas duas potências na região. Por outro lado, se até aí as elites cristãs da região que sonhavam com o fim do seu estatuto de menoridade, pelo menos formal, face aos muçulmanos, viam num czar ou imperador libertadores a sua hipótese de substituir um soberano muçulmano, começaram a encarar, cada vez mais, a possibilidade de uma libertação de que eles mesmo seriam os protagonistas. Os povos tinham passado a poder ser vistos como sujeitos da história. Mas, pelo menos nos Balcãs, ainda não o sabiam.

De facto, Mazower insiste em negar qualquer linearidade na emergência dos nacionalismos na região balcânica. Relativiza o peso do jugo turco e do desejo de libertação, seja ao nível das elites cristãs, muitas delas com posições privilegiadas até em Constantinopla, seja, sobretudo, das populações rurais. Desmonta a ideia feita de que o Império Otomano era mesmo no século XIX havia—necessariamente desvantajoso para os cristãos emigração de cristãos e judeus dos Estados recém-independentes para as regiões mais prósperas e desenvolvidas do vasto mercado otomano. As populações rurais, onde mais sobreviviam as velhas línguas eslavas, tendiam a identificar-se, no entanto, como cristãs. Um nacionalista grego refere que, nos arredores de Salónica, quando perguntava aos camponeses se eram gregos ou búlgaros, eles o "olhavam, perplexos, e respondiam: gregos ou búlgaros? O que é que isso significa? Somos todos cristãos".

Nas cidades, no início do século XIX, dominava o grego como língua da população cristã educada. Só sob influência romântica as elites eslavas reaprenderam as línguas locais, de que antes se envergonhavam. Mazower combate, sobretudo, a ideia de que os Balcãs eram palco de conflitos entre os vários dominados por um ódio interétnico endémico—permanentes grupos nacionais e religiosos. A respeito da tese de Huntington de que os Balcãs seriam um das zonas de choque de civilizações, Mazower comenta "quaisquer que

sejam os seus méritos como visão do futuro, é evidente de que não é o esquema adequado ao passado da região."

Cita, por exemplo, ao nível da religiosidade popular, o enorme sincretismo de práticas rituais entre os vários grupos religiosos, sobretudo em momentos de crise. Ou as memórias de um convivência mais ou menos pacífica, por exemplo, na Bulgária de c. 1870, (palco, poucos anos depois, de massacres mútuos), no testemunho de um aldeão búlgaro: "Os turcos e os búlgaros davam-se bem. As mulheres conversavam, as crianças brincavam em... conjunto. Os turcos falavam búlgaro, e os búlgaros, turco. Habitados a viver juntos. Cada um seguia, claro está, os seus costumes, e a sua religião. Mas isso parecia ser de acordo com a ordem das coisas." Foi o súbito e radical processo de nacionalização, a partir do exemplo ocidental, que acirrou as tensões intergrupais, que até então tinham sido controláveis, ao ponto de parecerem insuperáveis.

O problema punha-se como resultado da modernização económica, cultural e da necessária reforma do aparelho de Estado. Seria possível levá-la a cabo no quadro de um Império com várias línguas e comunidades com direitos diversos? Em que língua educar as novas elites necessárias ao desenvolvimento? Seria possível integrar todas as comunidades numa cidadania única, sem que isso desfizesse o cimento fundamental desses Estados, que era a figura do soberano? São estes problemas e as várias tentativas de lhes dar resposta que constituem o aspecto mais interessante deste livro, uma crónica rigorosa da dificuldade crescente em conter a força das ideias nacionalistas nos cada vez mais Balcãs. Seja ao nível das intervenções das grandes potências condicionadas pela força do nacionalismo das suas próprias opiniões públicas –, seja entre as novas elites regionais que, entre lutarem por um pedaço de poder num centro imperial já muito preenchido e conseguirem total controlo da sua região, pelo menos no longo prazo, acabaram por escolher a opção mais fácil. Daqui resultou um esforço deliberado para abafar a pluralidade que há séculos existia nos Balcãs. Desde logo com o contínuo reduzir das minorias que, mesmo os novos Estados continham em grandes quantidades, em épocas em que a limpeza étnica (sobretudo de muçulmanos) não era penalizada, sendo, por vezes, mesmo encorajada pela comunidade internacional.

A paz na Europa de hoje foi conseguida em parte pela recusa desse laxismo, mas também pelo facto de os europeus, primeiro no ocidente, mas hoje também nas regiões centrais e orientais, terem voluntariamente abraçado um modelo de governação «imperial», a União

Europeia. Talvez maior causa de—ou, mais rigorosamente, pós-nacional esperança, a partir deste relato de Mazower, seja o facto de tal processo se apoiar numa dinâmica de modernização que, depois de ter facilitado o processo de os—formação de Estados nacionais, parece hoje obrigar à sua ultrapassagem mercados nacionais são já demasiado pequenos, a nova economia exige a flexibilidade a todos os níveis, nomeadamente no conhecimento de outras línguas e culturas.

No entanto, quanto à questão essencial subjacente a este livro como manter identidades grupais, cimento da vida social sem a qual o homem não é seria—capaz de sobreviver, sem que estas se tornem foco de conflito violento? Excessiva e mesmo perigosamente optimista dar como assente que lhe foi dada uma resposta definitiva na Europa, seja a balcânica, seja a ocidental. Basta pensar nas bombas da ETA, ou nas polémicas actuais em torno da imigração...